

Material de apoio ao professor

Contextualização da obra



O reizinho mandão

Ruth Rocha

Ilustrações de **Walter Ono**

Organização pedagógica
Maria José Nóbrega

De Leitores e Alas

Maria José Nóbrega

“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor, que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” por meio da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso, “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Um pouco sobre Ruth Rocha, a autora de *O reizinho mandão*

Ruth Rocha nasceu em São Paulo, capital, onde sempre viveu. É graduada em Sociologia e Política, pela Universidade de São Paulo, e pós-graduada em Orientação Educacional, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Antes de ter revelado seu incomparável talento como escritora de livros infantis, nesses mais de 50 anos de literatura, foi orientadora educacional e editora.

É uma das mais premiadas autoras da literatura infantil brasileira. Tem hoje mais de cem livros publicados no Brasil e vinte no exterior, em dezenove idiomas diferentes.



A obra

Não é difícil encontrar por aí gente que teima em querer mandar em tudo, não é mesmo? Pois não só na vida, como também em certas histórias! É o caso desse pequeno rei que Ruth Rocha nos apresenta nessa divertida história.

Após a morte do bondoso líder de um reino distante, assume o trono seu filho, um príncipe mimado e cheio de vontades, daqueles que implicam com tudo e fazem a maior manha se as coisas não saem exatamente do seu jeito.

O novo reizinho logo promove a maior bagunça no governo, pondo em prática sua maior diversão: fazer leis absurdas e sem sentido só pelo prazer de mandar em todo mundo. Os pobres conselheiros até que tentam alertá-lo sobre o verdadeiro papel que um governante deve exercer – elaborar leis que atendam aos interesses de todos –, mas ele não dá a menor importância. E é só alguém questioná-lo que o reizinho grita bem alto: “Cala a boca! Eu é que mando!”.

E, com tanto cala a boca pra lá e cala a boca pra cá, as pessoas foram aos poucos desistindo de responder e, à medida que o tempo passava, o reizinho não tinha mais com quem conversar, porque nem mesmo debaixo de seus gritos de ordem os habitantes do reino podiam obedecê-lo: nenhum deles sabia mais falar!

Triste e solitário, o reizinho então percebe os efeitos de seu comportamento e procura uma maneira de mudar a situação. Acompanhado de seu parceiro papagaio, que a essa altura era a única voz que o menino conseguia ouvir,

sai em busca de um sábio morador de um reino vizinho, de quem vai colher um importante aprendizado.

Com um ritmo leve e divertido, ilustrações marcantes, o livro cativa o leitor desde o início, principalmente pelo caráter tão reconhecível do protagonista; afinal, quem nunca topou com um reizinho mandão por aí? Ou, ainda, quem nunca teve seu período implicante e cheio de teimosia?

Comentários sobre a obra

Numa sociedade em que fica cada vez mais difícil a compreensão das hierarquias, as consequências alienantes que sofre o reizinho mandão levam a refletir sobre a importância da escuta e do pensar coletivo na construção da sociedade, e sobre até onde vale a pena chegarmos para que as coisas sejam feitas do nosso jeito. Afinal, levar a cabo uma vontade merece empenho, mas é preciso buscar sempre somá-la a outra, e a partir delas construir o dever.

Quadro-síntese

Gênero: Conto.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, História, Geografia, Educação Física.

Tema contemporâneo: Vida familiar e social.

Público-alvo: 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.